

Literatura traduzida e formação do leitor: a recepção de *As aventuras de Huckleberry Finn*, Mark Twain, traduzida por Monteiro Lobato

Líliam Cristina Marins* e Vera Helena Gomes Wielewicki

Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. *Autor para correspondência. E-mail: liliamchris@hotmail.com

RESUMO. O objetivo deste trabalho é realizar uma análise da leitura dos alunos do curso de licenciatura em Letras da Universidade Estadual de Maringá com relação à obra *As aventuras de Huckleberry Finn*, traduzida por Monteiro Lobato e originalmente escrita por Mark Twain (*The adventures of Huckleberry Finn*). Deve-se salientar que os alunos, salvo alguns casos, não foram introduzidos em técnicas tradutórias e, conseqüentemente, buscavam essas traduções sem qualquer instrução como forma de sanar suas dificuldades linguísticas, já que a leitura de textos traduzidos não é considerada como uma prática pedagógica válida pela maior parte do corpo docente. Por meio deste estudo, pretende-se investigar a importância de se trabalhar a tradução nas aulas de Literatura de Língua Inglesa de modo que essa prática possa ocorrer concomitantemente com a análise literária, desenvolvendo estratégias de leitura de traduções em sala de aula.

Palavras-chave: *As aventuras de Huckleberry Finn*, Monteiro Lobato tradutor, formação do leitor, formação do professor, literatura traduzida, recepção literária.

ABSTRACT. **Translated literature and reader development: the reception of *As aventuras de Huckleberry Finn*, Mark Twain, translated by Monteiro Lobato.** This study aims at analyzing the reading of *As aventuras de Huckleberry Finn*, by students of Letras (language teacher education) at the State University of Maringá. This book was originally written by Mark Twain (*The adventures of Huckleberry Finn*), and afterwards, it was translated by Monteiro Lobato. These students, except some of them, were not introduced into translation techniques and searched for translations without any academic instruction, in order to solve their linguistic problems. This situation happens because the reading of translated texts is not considered a pedagogic practice by most part of the professors. Through this study, we intend to investigate the relevance of working with translation in English Language Literature Classes, so that this practice can happen *pari passu* with the literary analysis, developing translation reading strategies in teacher education.

Key words: *The adventures of Huckleberry Finn*, Monteiro Lobato as a translator, reader development, teacher education, translated literature, literary reception.

Introdução

Este trabalho é resultado de uma das pesquisas desenvolvidas pelo projeto *Ensino de Literatura: Leitura e Tradução*, cujo objetivo foi realizar uma análise da leitura dos alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá com relação à obra *The Adventures of Huckleberry Finn* (TWIN, 1994), em sua tradução para o português *As aventuras de Huckleberry Finn*, Monteiro Lobato (TWIN, 2005). Para abarcar a totalidade deste estudo, é preciso destacar, primeiramente, os aspectos pertinentes à recepção da tradução de uma forma geral, no intuito de identificar qual é o conceito que os alunos do curso de Letras da Universidade Estadual de Maringá têm a respeito de textos traduzidos.

Além desse propósito, também é preciso enfatizar

a questão de quando, como, em quais condições e por que os alunos do curso de Letras leem traduções de textos literários, já que é suposto que alunos desse curso já tenham proficiência suficiente para realizar a leitura dos livros em sua língua de origem, a língua inglesa, se considerarmos que já haviam concluído as disciplinas Língua Inglesa I, II e III, exigidas pela grade curricular do curso. Nessa perspectiva, os alunos procuram as traduções sem qualquer instrução do professor, visto que essa prática é considerada não-pedagógica pela maior parte do corpo docente; isto é, os alunos são repreendidos pelos professores de Literaturas de Língua Inglesa (LLI), que não aceitam essa prática (OLHER; WIELEWICKI, 2006), afinal,

[...] ao assumir esse texto literário e ao submetê-lo a procedimentos tradutórios, tendo em mente uma

determinada língua-alvo (LA), não é absolutamente certo que será bem aceito, ou até aceitável, como um legítimo texto literário na cultura receptora, mesmo no caso extremo (e raro) em que o processo tradutório seja ótimo, resultando numa tradução adequada, que reconstrói no meio lingüístico da LA a maior parte ou todos os traços do texto-fonte (TF) em sua ordem hierárquica (OLMI, 2002, p. 55).

É importante destacar que a leitura de traduções de narrativas sem problematização pode levar o aluno a buscar no texto de chegada (TC) as mesmas características do texto-fonte (TF), pois

[...] as frases de um texto literário ‘constituem sempre uma indicação de algo que está para vir e cuja estrutura é prenunciada pelo seu conteúdo específico’. Nesse caso, se o tradutor se ativer apenas ao conteúdo específico da frase, o produto perderá dimensão (ISER apud BASNETT-McGUIRE, 2003, p. 182).

Essa falta de problematização quanto à leitura de traduções desvia a função e o conceito de tradução, levando os alunos a crer na ideia do **tradutor-traidor**. Para tanto, faz-se necessário que se volte uma atenção especial a esse tema, no intuito de abordar as dificuldades para que a formação nessa área se processe de forma mais crítica. O professor de Literatura de Língua Inglesa (LLI) exerce, assim, um papel fundamental, visto que possibilita a problematização da leitura de traduções. Isso significa que, ao trabalhar a tradução concomitantemente com o original, a tradução não seria mais vista como algo ilícito na comunidade acadêmica, mas, principalmente, como um instrumento de aprendizagem.

Como parte de uma pesquisa desenvolvida na própria Universidade Estadual de Maringá pelo projeto *Ensino de Literatura: Leitura e Tradução*, citado anteriormente, um questionário foi aplicado a fim de verificar o conceito que os alunos do quarto e quinto anos do curso de Letras Português/Inglês têm a respeito do que seja uma **boa tradução**. Cento e trinta e seis alunos foram submetidos ao questionário.

Deve-se ressaltar que duas das alunas entrevistadas foram introduzidas em técnicas tradutórias pela sua participação no Projeto de Extensão *Laboratório de Tradução e Versão, e Revisão de Textos em Língua Portuguesa*, ligado ao Setor de Tradução e Revisão de Textos do Departamento de Letras da Universidade Estadual de Maringá. Logo, estabeleceu-se o contraste entre os conceitos dessas duas alunas e aqueles propostos por seus colegas de turma não-participantes do Projeto de Extensão mencionado.

A procura de alunos da graduação do curso de Letras Português/Inglês por textos literários já traduzidos é evidente e é responsável pelo aumento do mercado amador e profissional de traduções. Uma possível razão capaz de justificar essa busca pode ser o fato de que

[...] a tradução suprime as diferenças entre as línguas, por um lado, e por outro as revela em toda sua plenitude: pela tradução passamos a perceber que nossos vizinhos falam e pensam de forma diferente da nossa (OLMI, 2002, p. 60).

É relevante ressaltar que este estudo é baseado na hipótese de que, pela identificação da forma como os alunos leem as traduções, é possível dissolver muitas barreiras para que a formação nessa área se processe de forma mais crítica.

Material e métodos

Ao considerar que este trabalho tem como objetivo desenvolver uma análise da leitura de uma obra traduzida, realizada por alunos não-instruídos na área de tradução do curso de Letras, foram aplicados questionários a discentes e docentes¹, bem como foi desenvolvida a análise dos dados fornecidos por esses questionários.

Inicialmente, foi elaborado e aplicado um protocolo para a verificação da leitura de literatura em língua inglesa dos alunos do curso de Letras, abrangendo apenas os terceiro, quarto e quinto anos, pois é durante esse período que eles têm contato com a literatura estrangeira. A partir desse protocolo, chegou-se às seguintes conclusões: a maior parte dos discentes busca traduções de textos literários, originalmente escritos em língua inglesa, a fim de facilitar o entendimento, ler com mais agilidade (fator tempo) e/ou sanar possíveis dificuldades linguísticas. Isso porque, segundo eles, ao ler a tradução, é possível obter uma equivalência de sentidos.

O segundo passo foi a aplicação do protocolo de leitura para os alunos-sujeitos, os quais, vale ressaltar, estavam cursando o último ano. No total, 33 alunos responderam ao protocolo, dentre eles, 19 responderam que leram, sim, a obra em inglês, e que não usaram traduções; oito responderam que leram a obra no original e buscaram, paralelamente, tradução; dois disseram que não leram a obra em inglês, somente leram a tradução e quatro responderam que ou não leram a obra ou leram apenas alguns capítulos do original.

¹ As transcrições apresentadas no presente artigo reproduzem fielmente as respostas fornecidas pelo questionário, sem revisão do emprego da norma padrão da língua portuguesa.

Além de fornecer informações relativas à frequência de usos de traduções por alunos em sala de aula, o protocolo também possibilitou, pelas perguntas relacionadas à conceitualização dos alunos sobre tradução, a observação de que a questão da tradução como veículo de inter-relação entre culturas e de sobrevivência de textos literários (BENJAMIN, 2001; DERRIDA, 2005) é considerada, pelos alunos, o ponto positivo da tradução; já a noção de infidelidade ou não-correspondência do texto traduzido em relação ao original é considerada como seu ponto negativo. Portanto, o valor de uma tradução, para os alunos, depende essencialmente da existência dessas premissas, ou seja, a tradução é importante uma vez que cumpre seu papel de inter-relação entre culturas, mas perde tal importância quando não estabelece uma relação de fidelidade com o texto-fonte.

Além disso, é possível notar que a maioria desses alunos desenvolve estratégias de leitura para as traduções: a leitura paralela ou a leitura do original primeiro e, depois, da tradução, a fim de assegurar a compreensão do sentido. Logo, a leitura de traduções cumpre um papel essencial na prática de leitura dos alunos, o de assegurar o entendimento, visto que as dificuldades linguísticas interferem negativamente na leitura fluente da obra em língua inglesa.

Após a entrega do questionário, os alunos receberam um excerto do texto-fonte (*The Adventures of Huckleberry Finn*, Mark Twain) e o mesmo excerto da obra traduzida (*As aventuras de Huckleberry Finn*, Monteiro Lobato) para que fizessem uma análise contrastiva. Infelizmente, somente dois dos alunos-sujeitos entregaram as análises.

Ao analisar o comentário feito por esses dois alunos (identificados como A1 e A2) na comparação dos excertos, é perceptível a crítica subjacente de ambos quanto à tradução de Monteiro Lobato, já que, para eles, a questão da fidelidade ao original não foi respeitada pelo tradutor:

A1: Face a tais considerações, é possível observar que um dos princípios para o desenvolvimento de uma boa tradução, a fidelidade, não é alcançado pelo autor, já que se tratam de dois 'Jims' distintos, cuja linguagem reflete diferentes contextos sociais e culturais.

A2: Enfim, fica notória a perda de qualidade que a tradução teve ao se prender ao gramatical, ignorando as peculiaridades presentes no original, que pertinentemente foram criadas por Twain. Entretanto, não se deve ignorar a tentativa de Lobato em traduzir a obra, uma vez que muitos só chegam à leitura de 'Twain' por meio das linhas de Lobato.

É interessante observar que, apesar de os alunos desaprovarem o fato de que Lobato tenha **traído** o texto original ao descaracterizar a linguagem peculiar do negro Jim, A2 não deixa de ressaltar, espontaneamente, a importância do trabalho do tradutor para a sobrevivência da obra literária e sua divulgação entre culturas, como podemos inferir, por Derrida:

Pois a tradução vem depois do original e, para as obras importantes, que não encontram jamais seu tradutor predestinado, no tempo de seu nascimento, ela caracteriza o estado de sua sobrevivência (DERRIDA, 2005, p. 32).

Não se pode negar que as escolhas de Lobato quanto à nova roupagem conferida à linguagem do personagem Jim incomodaram os alunos-leitores. Dessa forma, eles desconsideraram a liberdade do tradutor ao transpor um texto de uma língua de partida para uma língua de chegada, já que, ao traduzi-lo, ele produz um novo texto. Ao mencionarem a questão da infidelidade de Lobato na tradução do livro para a língua portuguesa, os alunos estão cobrando a chamada **dívida** que o tradutor tem em relação ao texto original. Segundo Derrida:

O que está em jogo é uma lei, de uma injunção à qual o tradutor deve responder. Ele deve quitar-se também, e de qualquer coisa que implique talvez uma falha, uma queda, uma falta, até mesmo um crime [...] O tradutor é endividado, ele se apresenta como tradutor na situação de dívida; e sua tarefa é de devolver, de devolver o que devia ter sido dado (DERRIDA, 2005, p. 27).

É interessante ressaltar que a docente responsável pelo trabalho com a obra em questão na sala de aula de graduação em Letras aceitou participar de uma entrevista, gravada em áudio e transcrita posteriormente, descrevendo o andamento das aulas com a leitura do livro, suas observações quanto ao desempenho dos alunos, seu posicionamento com relação ao trabalho com a tradução nas aulas de Literatura de Língua Inglesa e sua opinião a respeito da busca crescente dos alunos do curso de Letras por traduções e das circunstâncias que levam os professores de LLI a preponderar essa prática.

Em um primeiro momento da entrevista, a docente descreveu como foi realizada a leitura e as atividades com o livro *The Adventures of Huckleberry Finn*, quais foram os temas abordados e qual foi o aproveitamento/desempenho dos alunos. Segundo ela, o livro foi trabalhado no segundo bimestre e, como eles tinham dois livros para ler em um curto período de tempo, a leitura foi dividida por capítulos: aproximadamente cinco capítulos por

aula. A professora declara, ainda, que a discussão era feita por capítulo, por meio de uma abordagem temática e em língua inglesa:

Na verdade, a gente trabalhava mais a discussão e a análise por capítulo. Uma coisa interessante: nós trabalhamos o período literário em que se enquadrava *The adventures of Huckleberry Finn* (o Realismo Americano), trabalhamos o contexto histórico da época, vimos a questão da guerra civil entre Norte e Sul dos Estados Unidos, trabalhamos também a questão da escravidão, do racismo [...] tudo isso antes da leitura. Então, eles conheceram bastante o contexto histórico e o contexto literário que a obra se enquadrava.

Depois dessa análise por capítulos, houve a discussão do livro como um todo, abarcando os temas, os pontos principais, os personagens, a análise do contexto e de como esse contexto histórico estava presente no livro.

É interessante destacar que a docente afirma acreditar que a maioria dos alunos buscou traduções do livro em questão. Ela, todavia, considera essa procura como uma estratégia e não como uma prática ilícita por parte dos alunos.

É claro que os alunos usaram tradução! Também não sou ingênua! Mas era uma maneira, uma estratégia que eles tinham de participar, de acompanhar as aulas, as discussões.

Para ela, há uma explicação clara para essa procura:

Como a gente pode perceber no livro, tem o Jim, que é um escravo negro, e a linguagem dele no livro é uma linguagem bastante diferente do inglês padrão [...] A justificativa deles para o uso da tradução era a seguinte: - A gente leu no inglês e, como tem coisas que não entendemos, procuramos tradução.

Dessa forma, ao se tratar de um livro como *The Adventures of Huckleberry Finn*, o qual apresenta uma riqueza singular quanto à linguagem, visto que é possível identificar vários dialetos (o dialeto negro do Missouri, a versão mais extrema do dialeto dos rincões distantes do Sudoeste, o dialeto corrente do *Pike-Country* e quatro variedades modificadas deste último), há, além de uma questão puramente linguística, aspectos culturais e regionais que interferem significativamente na leitura do livro.

Quanto ao seu posicionamento com relação ao trabalho com a tradução nas aulas de Literatura de Língua Inglesa, a professora assegurou a importância de se trazer a tradução para a sala de aula:

Eu seria a favor desse trabalho, dependendo, é claro, de como fosse trabalhado. Talvez, uma análise contrastiva seria algo interessante para ser

trabalhado, mas não trabalhar só com a tradução. Como é Literatura de Língua Inglesa, é interessante que os alunos leiam em língua inglesa [...] o próprio livro *Huckleberry Finn* apresenta várias coisas interessantes para serem exploradas: o trabalho linguístico, por exemplo. Dava pra trabalhar quais as estratégias que o tradutor utilizou para traduzir a linguagem do Jim (na tradução de Monteiro Lobato).

Portanto, seu papel como professora seria o de intermediar a leitura do texto original e sua respectiva tradução, de modo que se trabalhasse não somente a obra em si, mas o processo que originou aquela tradução em específico, observando as escolhas do tradutor, pois

[...] o tradutor deve [...], em primeiro lugar, determinar a função do sistema da língua de partida e procurar um sistema na língua de chegada que cumpra essa mesma função (BASNETT-McGUIRE, 2003, p. 55).

A professora revela, ainda, que:

Seria interessante que o professor talvez fizesse um trabalho diferente com relação à tradução. Não somente fazer de conta que não sabe que eles [os alunos] usam a tradução. A gente [os professores] sabe que eles usam...então, por que não aproveitar isso para levar a tradução para sala de aula?

Mesmo reconhecendo a contribuição da tradução nas aulas de LLI, a docente esclarece que esse trabalho demanda tempo e, conseqüentemente, seria necessária uma mudança na grade curricular, além de professores com uma visão mais ampla sobre o assunto:

É claro que se for pra fazer isso, tem que ser um ano a mais, igual a gente planejou no currículo novo com o bacharelado em tradução² ou trabalhar uma ou duas obras no curso de Letras. Até porque a carga de leitura é muito grande. Então, pra fazer um trabalho bem feito com a tradução demanda certo tempo. Além disso, o professor já tem que ter a visão do que seja uma tradução, por que usar, como trabalhar uma análise do texto original e do texto traduzido.

Um outro aspecto interessante abordado na entrevista foi a percepção da professora quanto à crítica dos alunos ao livro de Twain traduzido por Monteiro Lobato, visto que houve estranhamento por parte dos alunos com relação à transposição da linguagem do original para a tradução, como pode ser observado no excerto a seguir:

Na tradução, a linguagem do negro, do escravo, é mantida no inglês padrão! [...] A linguagem do Huck

² Em 2007, foi implantado na UEM o Curso de Habilitação Única em Inglês, Licenciatura, com opção posterior por Bacharelado em Tradução.

também tem suas características, porque é um menino de doze, treze anos que não gosta de ir à escola. Então, dá pra ver vários ‘erros’ gramaticais, ‘erros’ linguísticos na obra. Já na tradução (de Monteiro) não tem. Então, é importante chamar a atenção deles pra esses aspectos.

Em *As aventuras de Huckleberry Finn*, a linguagem não foi “domesticada” pelo tradutor, pois os vários dialetos presentes no texto-fonte não são adaptados para a cultura brasileira por meio de uma linguagem mais adequada ao padrão linguístico de um **escravo negro brasileiro**, por exemplo. Pelo contrário, Lobato optou pelo português-padrão, incomodando, assim, os alunos-leitores.

Resultados e discussão

A base teórica deste trabalho está fundamentada nos seguintes autores: Alves et al. (2000), Azenha Junior (1999), Basnnett-McGuire (2003), Chartier (1996), Olmi (2002), Robinson (2002) e Vermeer (1986).

Na Universidade Estadual de Maringá, foi constatado um mercado de traduções considerado **ilícito** pelo corpo docente e, por isso, essas traduções circulam às escondidas. É necessário destacar que as condições desses textos traduzidos não são satisfatórias para uma boa leitura, visto que são cópias (xérox) adquiridas de outros alunos (algumas delas estão em circulação há cerca de quatro anos) e, portanto, já apresentam anotações, comentários, danificações e páginas fora de ordem. Dessa forma, o que se pode observar é que a circulação de traduções dentro da academia é considerada, tanto por parte dos alunos quanto por parte dos próprios professores, como um comércio clandestino e anti-pedagógico.

A fim de obter a leitura crítica desses textos traduzidos, o professor de LLI cumpre um papel essencial: a intermediação da leitura. Dessa forma, **oficializando** as discussões sobre tradução em sala de aula, a tradução não seria mais vista como algo ilícito, mas como um tema que pode ser trabalhado concomitantemente com a análise da narrativa nas aulas de LLI.

Esse trabalho seria interessante para problematizar as questões envolvidas no processo tradutório, visto que um questionário aplicado pelo Projeto de Pesquisa *Ensino de Literatura: Leitura e Tradução* aos alunos dos quarto e quinto anos do curso de Letras revelou que o conceito que esses alunos têm com relação à tradução (boa tradução) é ligado, essencialmente, à ideia de reprodução fiel do original e sem a intervenção do tradutor, como pode ser observado nestes depoimentos dos alunos:

A tradução é algo bom, mas acarreta perdas estéticas e literárias.

A tradução é um recurso que auxilia a sanar dificuldades linguísticas, mas que limita o ponto de vista, pois uma obra traduzida perde muito de sua essência original.

Normalmente não são muito fiéis (as traduções) ao original, uma vez que evidenciam a liberdade do tradutor quanto suas interpretações e percepções.

A tradução deve ser o mais fiel possível do original.

Traduzir é passar de um idioma para outro a(s) ideia(s) do texto original.

Uma boa tradução é aquela que consegue dizer o que o autor do original disse.

Basnnett-McGuire (2003) discute o conceito de tradução como uma transposição cultural e não como uma simples reprodução, sem originalidade. Consoante a autora, o processo tradutório se dá mediante a consideração de questões pertinentes à leitura e produção de significados a partir de um determinado texto:

[...] a tradução consistiria em transferir o ‘sentido’ contido num conjunto de signos linguísticos para outro conjunto de signos linguísticos através do recurso competente ao dicionário e à gramática; contudo, o processo envolve também um vasto conjunto de critérios extralinguísticos (BASNETT-McGUIRE, 2003, p. 35).

De acordo com Olmi (2002), é necessário que se desmistifique o caráter meramente reprodutivo atribuído à tradução durante muitos anos:

[...] trata-se de uma descrição da prática tradutória de forma a respeitar a especificidade linguística do texto traduzido, inserindo-o no contexto de sua produção (OLMI, 2002, p. 63).

Ou seja, o texto traduzido deve ser respeitado em sua singularidade, afinal, nunca será idêntico ao original e, por isso, é que admite “violiar as regras da LA (língua-alvo) a fim de que a presença do tradutor, tornada visível, seja percebida pelo leitor do TA (texto-alvo)” (OLMI, 2002, p. 63). É por esse motivo que a leitura da tradução por alunos do curso pode ser discutida, para que o aluno não se sinta traído pelo tradutor ao tentar comparar a tradução com o original.

Na maioria dos casos, os alunos leem os textos traduzidos como se esses fossem a própria obra original. No entanto, faz-se necessário esclarecer que, embora a tradução se assemelhe grandemente ao original, não o é de fato, afinal, o conteúdo linguístico e cultural foi, de uma forma ou de outra, modificado (OLMI, 2002). Esse conceito pode ser

observado em várias respostas dos alunos entrevistados, os quais consideram a tradução como **um pouco vaga e às vezes sem nexos quando comparada ao original**. Como afirma Basnnett-McGuire:

Há uma responsabilidade moral relativamente ao original, mas [...] o tradutor tem o direito de alterar significativamente o texto no processo de tradução por forma a oferecer ao leitor da LC [língua de chegada] um texto em conformidade com as normas estilísticas e idiomáticas que lhe são próprias (BASNETT-McGUIRE, 2003, p. 55).

Poucos alunos fizeram menção a esse aspecto quando se trata de tradução: o tradutor tem o direito de alterar o texto a fim de adaptá-lo à língua de chegada, como pode-se notar nas citações a seguir:

A tradução é um processo de re-textualização de um texto em uma língua de partida para uma língua de chegada.

Uma boa tradução é aquela que causa o mesmo efeito no leitor da língua de chegada e no leitor da língua de partida. A boa tradução leva em conta as culturas envolvidas e procura equivalências para facilitar o entendimento do leitor.

As duas discentes que mencionaram a cultura do tradutor foram justamente aquelas que já haviam participado do Projeto de Extensão *Laboratório de Tradução e Versão, e Revisão de Textos em Língua Portuguesa*, citado anteriormente. Isso evidencia que, quando o aluno é levado a discutir o processo tradutório, sua leitura pode tornar-se mais crítica.

Consoante o arcabouço teórico de Alves et al. (2000), uma vez que o tradutor é inevitavelmente um leitor, ele leva consigo o que faz parte de sua identidade: seus valores e preconceitos. Ao transpor um texto de uma língua e de uma cultura para outra, o tradutor se vê diante de um número considerável de quesitos de ordem textual e sociocognitiva. Segundo Chartier (1996), as práticas da leitura, de uma forma geral, já envolvem a questão das **apropriações** que são realizadas pelo leitor no momento da leitura de um texto, as quais, em muitos casos, acabam interferindo em aspectos semânticos e pragmáticos. É por isso que, durante o processo tradutório, o tradutor corre o risco de produzir um texto totalmente incoerente, e essa incoerência pode levá-lo a ser visto como **traidor**, já que

[...] as apropriações dos textos pelo leitor implicam sempre a consciência de que a possibilidade de leitura efetua-se por um processo de aprendizado particular, de que resultam competências muito diferentes (CHARTIER, 1996, p. 13).

Logo, o papel da interação se faz necessário, porque ela possibilita o intercâmbio intelectual entre o texto e o leitor (tradutor), de forma que seja possível transpor para a língua de chegada o equivalente na língua de partida (mesmo naqueles casos em que não se consegue nomear nem mesmo na língua materna, mas que necessita ser recriado):

[...] não é o texto de partida o fator determinante, não o é a fidelidade a este, mas a 'fidelidade' ao objetivo, à intenção, ao destino que se dá ao texto de chegada (VERMEER, 1986, p. 8).

É justamente nesse ponto que o tradutor cumprirá sua função de mediador de culturas, adaptando o texto de partida para o texto de chegada, permitindo, assim, a comunicação: o tradutor é o responsável por "criar uma ponte entre as lacunas de comunicação existentes entre indivíduos e grupos" (ROBINSON, 2002, p. 309), como registraram as alunas instruídas em técnicas tradutórias:

A tradução é um processo de re-textualização de um texto em uma língua de partida para uma língua de chegada.

A boa tradução leva em conta as culturas envolvidas e procura equivalências para facilitar o entendimento do leitor.

Azenha Junior (1999, p. 22) ressalta, com afinco, que

[...] os códigos lingüísticos envolvidos na tradução indiscutivelmente representam fatores condicionantes de um processo que se quer estudar ou ensinar – o processo de tradução – e de um produto que se quer avaliar – o texto traduzido.

Nessa perspectiva, ao levar as traduções de obras à sala de aula, o professor pode explorar, além do conteúdo literário, as estratégias utilizadas pelo tradutor. Isso porque o processo tradutório considera relevante o conhecimento prévio, lingüístico e cultural do profissional da tradução, os quais são denominados "subsídios internos e externos" (ALVES et al., 2000, p. 113).

Um outro ponto fundamental a ser considerado é que os alunos não buscam traduções simplesmente para obter uma equivalência lingüística, mas para suprir uma possível lacuna na transposição cultural, já que

[...] a tradução é usada [...] tanto para transmitir conhecimento e propiciar a compreensão entre grupos e nações, como também para transmitir cultura (NEWMARK, 1988 apud AZENHA JUNIOR, 1999, p. 31).

Ou seja, mesmo que o aluno apresente proficiência na língua inglesa para decodificar o

texto, isso não é suficiente para a compreensão, pois os aspectos culturais presentes em uma obra são muito mais complexos para serem identificados e incorporados pelo leitor:

[...] as estruturas de convicções, os sistemas de valores, as convenções literárias, as normas morais e os expedientes políticos da cultura de destino sempre têm muito poder para dar formas às traduções (ROBINSON, 2002, p. 314).

Conclusão

O papel da tradução para a comunicação entre culturas é fundamental, pois é por esse processo que os diferentes valores culturais expressos, principalmente por meio da literatura, inter-relacionam-se e podem ser contrastados.

A análise dos questionários, dos comentários feitos pelos alunos-sujeitos, ao compararem os excertos do livro original com os da tradução, e da entrevista com a docente revela a visão dos discentes com relação à tradução: ou eles não têm um conceito crítico sobre tradução, já que são instruídos pelo excessivo respeito à relação entre texto-fonte e texto-alvo, evidenciado no critério da **fidelidade ao original** como determinante da qualidade de uma tradução e, por isso, buscaram-na aleatoriamente; ou lançam mão da tradução como recurso para sanar dificuldades linguísticas; ou simplesmente porque o fator tempo os obriga a ler as obras traduzidas, as quais, segundo eles, agiliza o processo de leitura.

Nessa perspectiva, ao reconhecer que o mercado amador e profissional de traduções de obras literárias existe no meio acadêmico e exerce papel relevante no desempenho da prática de leitura dos alunos do curso de Letras, é necessário que essa prática passe a ser realizada de forma crítica pelos alunos. Logo, seria interessante que a questão da tradução em sala de aula fosse repensada, observando como e por que considerar a tradução não como uma prática anti-pedagógica, mas como uma prática complementar nos estudos literários, e de que maneira isso poderá interferir tanto no aprofundamento do estudo da

obra literária quanto no aprimoramento linguístico dos alunos, contribuindo para a formação de um leitor mais crítico.

Referências

- ALVES, F., MAGALHÃES, C.; PAGANO, A. **Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação**. São Paulo: Contexto, 2000.
- AZENHA JUNIOR, J. **Tradução técnica e condicionantes culturais**. São Paulo: Humanitas, 1999.
- BASNETT-McGUIRE, S. **Estudos da tradução**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BENJAMIN, W. A tarefa: renúncia do tradutor. Tradução de Susana K. Lages. In: HEIDERMAN, W. (Org.). **Clássicos da teoria da tradução**. Florianópolis: UFSC, 2001. p. 188-215.
- CHARTIER, R. **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- DERRIDA, J. **Torres de babel**. Minas Gerais: UFMG, 2005.
- OLHER, R. M.; WIELEWICKI, V. H. G. Tradução em aulas de literatura estrangeira: prática ilícita ou prática pedagógica? **Claritas**, v. 1, n. 12, p. 139-150, 2006.
- OLMI, A. Posições, competências e funções da tradução literária. **Gragoatá**, n. 13, p. 53-67, 2002.
- ROBINSON, D. **Construindo o tradutor**. São Paulo: Edusc, 2002.
- TWAIN, M. **As aventuras de Huckleberry Finn**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.
- TWAIN, M. **The adventures of Huckleberry Finn**. London: Cox & Wyman, 1994.
- VERMEER, H. **Esboço de uma teoria da tradução**. Lisboa: ASA, 1986.

Received on March 15, 2008.

Accepted on June 14, 2008.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.